

A importante tarefa de educar os filhos¹

(Recompilação de satsangas onde foram formuladas perguntas sobre como educar os filhos)

Trazer filhos ao mundo não é somente um direito outorgado pela natureza, mas também envolve (*conlleve*) uma responsabilidade estabelecida por Deus. A sociedade exige uma certa preparação da parte de quem quer que deseje se converter em advogado, contador ou mecânico; sem dúvida, pouquíssimos estão preparados para serem pais, o mais exigente dos ofícios.

Considero que o ideal seria que ninguém se graduasse em seus estudos sem antes receber aulas sobre como ser um adulto responsável e um bom pai ou uma boa mãe. Hoje em dia, se ensina às crianças como cozinhar, costurar, contabilizar e até como manipular computadores. Tudo isto é certo, mas é preciso que lhes ensine também como se conduzirem na vida.

A educação dos filhos começa no lar

Uma educação adequada para os filhos começa no lar. As escolas têm “perdido o rumo”, por assim dizer. Mas o precário ambiente escolar não é somente culpa das escolas: devemos atribuir esta culpa à falta de uma educação correta nos lares.

Admito que, na atualidade, educar os filhos é uma tarefa difícil; sem dúvida, os pais não têm o direito de trazer um filho ao mundo para depois renunciar à responsabilidade de guiá-lo. Por acaso alguém plantaria uma semente ou uma árvore pequena em seu jardim para deixar que se desenvolva sozinha, sem nenhum tipo de cuidado ou proteção? Se o que se deseja é que ela cresça sã e salva, terá que lhe proporcionar um apoio firme para que não se dobre nem se quebre com o vento. Temos uma responsabilidade para com nossos jovens e é uma vergonha que alguns pais descuidem dessa incumbência. Se não fosse intenção de Deus que os pais guiassem seus filhos, os bebês nasceriam de ovos e os pais os abandonariam, depois da desova, para que saíssem da casca e crescessem sozinhos. Isso é o que fazem as tartarugas!

Os filhos necessitam de uma disciplina amorosa

Os filhos necessitam de disciplina. Por favor, que fique claro que não quero dizer que devamos açoitá-los: jamais deveria ser utilizada a violência com uma criança! É preciso guiar as crianças com firmeza, mas também com amor. Meu ponto de referência é olhar retrospectivamente os nossos anos com o Mestre [Paramahansa Yogananda]: nós, jovens devotos que seguíamos o caminho, éramos garotos em certo sentido. Ele nos guiou com a razão, e com firmeza quando foi necessário, mas também com um grande amor. Esse é o ideal.

Lembro-me que, anos atrás, considerei um grande erro o fato de muitos pais seguirem o conselho de um doutor muito conhecido que incentivava a ausência de disciplina, simplesmente permitindo que a criança tivesse a liberdade de exercer seu livre arbítrio, de “agir à vontade” (“*actuar a su antojo*”). O bom senso me dizia que esta forma de educação infantil traria problemas. Estas almas recentemente encarnadas em pequenos corpinhos (não as chamaremos de almas “jovens” porque, sem dúvida, já viveram muitas vidas) não podem todavia discriminar nem entender, ainda que essas qualidades sejam inatas na alma. As crianças são como plantas frágeis: para crescerem adequadamente, para florescerem até alcançar sua potencialidade total, precisam de nutrição e poda, ou seja, da orientação, do amor e da compreensão que apenas os pais podem oferecê-las. Toda criança precisa manter um diálogo com alguém que possua essa compreensão que ela todavia não alcançou, mas que desenvolverá se for guiada apropriadamente.

É necessário inverter a tendência atual à permissividade; e uma das formas de fazê-lo é proporcionar uma educação apropriada no período de formação. Às crianças, deveria se ensinar boas atitudes morais e boa conduta, não apenas através das palavras mas, também, através do exemplo. A falta dessa orientação constitui um dos fatores principais do prejuízo que a conduta e os padrões morais têm sofrido neste país, o que tem contribuído, mais que qualquer outro fator, para a destruição da unidade familiar. E o que isso tem causado? Crianças emocionalmente desequilibradas (*alisiadas*). E as crianças emocionalmente desequilibradas

¹ Tradução informal da pág. 229 a 244 do livro “*El Gozo que buscas está en tu interior*” (escritos e palestras de Sri Daya Mata,) atual presidente da Self-Realization Fellowship – Organização espiritual fundada por Paramahansa Yogananda em 1920, com o objetivo de disseminar a técnica sagrada de *Kriya Yoga*, uma técnica milenar que acelera a evolução do homem.

Paramahansa Yogananda é autor do *Best Seller* espiritual *Autobiografia de um Iogue*, além de vários outros livros. Mais informações a respeito do autor e de sua obra, acesse: <http://www.yogananda-srf.org>.

(*alissadas*) se convertem, geralmente, em adultos emocionalmente desequilibrados (*alissadas*), que desenvolvem um sentimento de rejeição (*rechazo*) e desemboca em ressentimento para a sociedade como um todo. Estes sentem que o mundo não lhes deu com justiça o que lhes corresponde. Se este colapso dos princípios éticos não é corrigido, pode resultar na deterioração da responsabilidade moral, da mesma forma que levou à decadência e queda das civilizações antigas.

Os pais devem dividir a responsabilidade da educação dos filhos

A mãe e o pai desempenham diferentes papéis na educação dos filhos, e ambos são mui importantes. A mãe é a figura principal na criação dos filhos durante a infância. Não quero dizer que seja a única; mas é a figura que, pela lógica, está destinada a oferecer a maior parte do cuidado no início e inculcar na criança a formação que é tão necessária nos primeiros anos. Ela é que, do seu próprio corpo, nutre o pequenino; sem dúvida, o pai não deve renunciar à sua quota de responsabilidade. Conforme vai crescendo, a criança necessita da companhia, da educação e da compreensão dos dois progenitores. É o dever comum de ambos, o pai e a mãe, cuidar da educação dos filhos.

Acredito firmemente na igualdade dos sexos. Gurudeva Paramahansa Yogananda foi uma das primeiras pessoas que se pronunciou em favor dessa igualdade. Enquanto a maioria dos ocidentais concedia liderança apenas aos homens, ele desafiou essa tradição e me converteu em uma das primeiras discípulas mulheres a dirigir uma organização espiritual.

O que importa se alguém se chama “senhor”, “senhora” ou “senhorita” quando cada pessoa não é, em sua essência, nem homem nem mulher, mas uma alma feita à imagem de Deus? Esse comportamento é bastante parecido com o das crianças pequenas que brigam por um brinquedo (*juguete*). As verdadeiras questões são de uma dimensão muito mais relevante; o que realmente importa é a alma que habita em nosso interior. Cada um de nós tem um papel essencial a ser desempenhado neste mundo. Se não fosse assim, Deus nos teria feito todos iguais; por outro lado, em última instância, nenhum papel é mais importante que outro. O fundamental é que desempenhemos nosso dever adequadamente, qualquer que seja este.

Não é correto que uma mãe permaneça atada à cozinha por toda a vida; não é justo nem necessário. É óbvio que as mães também necessitam de outros desafios em suas vidas. Mas nos primeiros anos da frágil criança, a influência da mãe é da máxima importância, e acredito que seu lugar deve ser no lar, com seus filhos. (Em alguns casos, supostamente, é possível que um pai ou uma mãe, separado e que trabalhe, necessite enviar a seus filhos uma creche [*guarderia*]).

Cultivar uma relação estreita com os filhos

Educar os filhos e entender suas necessidades é, verdadeiramente, uma tarefa que requer talentos especiais. Cada criança é diferente. Aos olhos de Deus, todos somos almas que possuem as mesmas qualidades da Divindade. Não obstante, sabendo que cada um de nós possui livre arbítrio e inteligência independente, estamos nos desenvolvendo de formas diferentes, com padrões cármicos individuais. Desta forma, cada criança deve ser entendida como um indivíduo único.

Éramos quatro irmãos na minha família. Adorávamos a nossa mãe, e estou convencida de que isso acontece quando uma mãe tenta sempre ser compreensiva. Ela jamais teve que nos castigar fisicamente, porque queríamos agradá-la. Contrariá-la nos causava sofrimento, porque a amávamos. Sempre podíamos falar com ela; sempre podíamos contar com sua compreensão. Sem dúvida, ela não tratava a todos nós da mesma maneira: ela via o que cada um necessitava, e isso era o que ela nos dava. Considero que esta é uma qualidade instintiva, que se desenvolve quando uma mãe convive com seus filhos. Ofereça seu amor igualmente a todos os seus filhos, mas perceba o que deve oferecer a cada um de forma diferente. Algumas crianças nascem com grande obstinação; outros são volúveis; outros, mal-humorados; e alguns estão sempre felizes e alegres. É uma questão de se chegar a conhecer seu filho e, depois, orientar-lhe de uma forma compreensível para ele – quando estiver no caminho do erro.

É importante que os pais cultivem uma relação adequada com seus filhos. Não tente ser como eles. Você é pai ou mãe deles, não irmão ou irmã. Ensine-lhes a lhe amar e respeitar em sua qualidade de progenitor. Considero que a relação de “cúmplice” (“*compinche*”) não é sadia nem de ajuda para um filho. Uma mãe que deseja se converter em irmã de seus filhos apenas alimenta seu próprio ego: não deseja amadurecer; deveria ser uma mãe responsável. O mesmo é válido para o pai.

Mantenha abertas as linhas de comunicação

Para educar adequadamente a seus filhos, você deve estabelecer com eles uma comunicação eficaz. Faça-lhes sentir que podem confiar em você. Anime-os a serem sinceros lhe permitindo expressar qualquer coisa que pensem. Se você rechaça um filho porque lhe disse algo que não lhe agrada, esse filho se tornará evasivo e tentará ocultar seus verdadeiros sentimentos e a conduta que ele sabe que você reprovará. Ao invés de lhe procurar, ele buscará outra pessoa como confidente. É muito melhor que você seja esse amigo, essa pessoa com a qual ele sempre possa contar. No contexto de uma relação saudável com seus filhos, eles não sentirão a necessidade de recorrer às drogas, ou a qualquer outra opção inadequada, em busca de compreensão.

Reserve tempo para falar com seus filhos. Responda às suas perguntas e lhes explique os fundamentos das pautas de conduta que você lhes oferece, com as palavras que eles possam entender. Não lhes diga, simplesmente, “não faça isso”; você tem que raciocinar com a criança de tal forma que consiga prender sua atenção. Aprendemos escutando, mesmo quando não estamos de acordo com tudo que é dito. Estimule na criança a vontade de escutar. As palavras construtivas permanecerão gravadas em sua consciência, e talvez lhe agradeça por elas quando, um dia, ele mesmo se converter em pai. O bom entendimento com seus filhos tem que começar nos primeiros anos. Se você espera surgir um problema, será muito mais difícil abrir as linhas de comunicação nesse momento.

Quero lhe prevenir de algo: jamais imponha seus próprios pontos de vista espirituais aos seus filhos. Não lhes diga: “Porque que eu medito, você vai meditar”. As crianças são como flores; permita-lhes amadurecer e desenvolver sua própria personalidade. Nada existe de mal nisso. Lhe corresponde oferecer o exemplo adequado e sentido de orientação: que aprendam a amar a Deus, a assumir responsabilidades e cumpri-las, a serem altruístas, a serem amáveis com os demais, ou seja, o conjunto de qualidades e virtudes que dão a medida de um ser humano com uma mente espiritual.

Em minha própria infância, quando era muito jovem, nós crianças aprendíamos a orar ao redor do colo de nossa mãe. Era um ritual que fazia parte da preparação para ir dormir. Nós a rodeávamos, pronunciávamos uma breve prece e, depois, rezávamos pelos diversos membros de nossa família. Era muito doce. Jamais nos foi forçado fazê-lo. A criança a quem se ensina a orar ama essa atividade. Quando completei dezessete anos e ingressei na *Self-Realization Fellowship*, passava tanto tempo orando pelos demais que, durante as noites, minha prece parecia interminável, pois havia muitíssimas pessoas para acrescentar à minha lista. Orar pelos demais ensina às pessoas a compadecer-se pelo próximo. Deveria se ensinar às crianças a serem humanitárias e altruístas.

Ensine seus filhos a serem responsáveis

É importante, também, ensinar aos filhos a assumir responsabilidades. Sempre me consterna ver as famílias onde os pais fazem tudo – cozinhar, lavar os pratos, fazer a limpeza, cuidar do jardim – enquanto o filho ou a filha se senta diante do televisor, ou sai para visitar seus amigos, sem nenhuma tarefa assinalada. Isso não é certo. Por que os pais acreditam que devem fazer tudo? Por que não oferecem ao filho o tipo de orientação que lhe ajudará a desenvolver suas habilidades e o sentido da responsabilidade? O resultado é que o menino ou a menina cresce até se tornar um adulto descuidado e pouco confiável, que não sabe como educar seus próprios filhos. Estes hábitos passam de geração em geração, de tal forma que, hoje em dia, muitos jovens são vítimas do não cumprimento de nosso dever para com eles.

As crianças devem aprender, desde muito cedo, que nada se obtém sem esforço. É necessário trabalhar, e tem que se merecer aquilo que se recebe neste mundo. Este princípio é importante. Se for dado à criança tudo que ela deseja, ela não aprenderá o valor das coisas. Ensine a seu filho que ele deve ajudar à família, ao círculo de amigos e à comunidade. Isso o preparará para fazer frente ao que os demais esperarão dele quando se tornar adulto.

Com freqüência os pais são demasiadamente indulgentes com seus filhos: “Quero dar a meus filhos tudo o que eu não tive”. Que desatino! Melhor é dar-lhe a oportunidade de desenvolver-se, de alcançar suas metas, de enfrentar os desafios da vida, com sua ajuda e apoio, para que se torne uma pessoa forte. Você não pode protegê-lo de tudo, nem pode assegurar-lhe a felicidade atendendo a seus caprichos. Se você adota essa atitude, futuramente não o servirá de ajuda.

Há algo em que acredito de verdade: se você designar uma tarefa a uma criança, vigie para que seja cumprida. Se você lhe diz, cada noite, que ele deve recolher sua roupa e a estender em uma cadeira, insista para que ele faça o que lhe foi dito. Não se pegue com ele, mas mantenha-se firme. Depois que os bons hábitos se formarem, a criança fará automaticamente o correto.

As crianças farão o que lhe pedirem se elas sentirem que ajudam e contribuem com algo. Faça-lhes sentir que são partícipes. Elogie-as e alente-as; estimule-as para que queiram colaborar. Assegure-se de que a responsabilidade encomendada não supera a capacidade da criança. E quando ela se esforçar o máximo para cumpri-la, recompense-a; em situação contrária, não a premie. Esta não é, necessariamente a melhor prática; é preferível que a obediência da criança seja produto de uma boa conduta espontânea, mas na maioria dos casos, lamentavelmente, um prêmio parece servir de ajuda!

Quando eu era pequena, nós crianças não recebíamos recompensas, além do reconhecimento de nossos pais, por um trabalho bem feito. Todos nós tínhamos nossos deveres assinalados, e sabíamos que era esperado que os realizássemos corretamente. Se, por exemplo, tivéssemos secado os pratos da ceia e os vasos não estavam impecáveis, tínhamos que sair da cama e tornar a lavá-los novamente. Na verdade agradeço por terem me educado com essa disciplina. De não ter recebido aquele treinamento de pequena, quiçá não tivesse sido capaz de aceitar a disciplina que me assinalava o Mestre ao colocar sobre meus ombros as crescentes responsabilidades que culminaram nas que cumpro hoje em dia.

Deveriam os pais escolher a profissão de seus filhos?

Segundo minha experiência, se alguém nos diz o que fazer com nossa vida, pode ser que atendamos a essa sugestão durante um tempo, porém cedo ou tarde, se quisermos ser felizes, deveremos satisfazer às inclinações latentes que abrigamos em nosso interior. Quando alguém me pergunta: “Devo me casar ou permanecer solteiro?”, o que primeiramente quero saber é: “O que é que seu coração quer?” porque se sugiro a alguém que se converta em um renunciante, esse tipo de vida não eliminará necessariamente todos os seus desejos. O desejo de seguir um determinado caminho na vida deve surgir do interior da pessoa e, depois, a orientação externa pode fortalecer essa inclinação.

Por exemplo, no Oriente e no Ocidente existem muitos indivíduos que têm seguido o caminho monástico porque isso era o que seus pais esperavam deles e porque foram educados para que se convertessem em sacerdotes ou monjas. Sem dúvida, se esta vocação não é o principal desejo de seus corações, esses devotos não chegarão a ser religiosos e, depois de talvez cinco, dez ou quinze anos, se inclinarem para outros desejos e busquem outra forma de vida.

Apenas você pode saber o que realmente deseja. “Quero saber o que Deus quer que eu faça”, volto ao mesmo ponto: “O que *você* deseja?” Comece com essa pergunta e, depois analise objetivamente para onde se dirige sua vida à luz de seu destino cármico.

Às vezes, nos é difícil assumir a responsabilidade de nossa própria vida. Queremos que Deus nos diga o que devemos fazer... a condição do que Deus quer para nós está em harmonia com o que *nós* realmente queremos! Não estou sendo contra a indagação da vontade de Deus; na realidade, sou absolutamente a favor disto. Mas o mero fato de repetir “Quero obedecer a vontade de Deus” não será suficiente se, enquanto tentamos obedecê-la, o desejo interno de fazermos alguma outra coisa nos atormenta. Temos semeado as sementes dos desejos e as temos cobijado em nosso interior, talvez durante muitas vidas; portanto, não é suficiente renunciar o que pensamos que Deus deseja de nós, nem o que nossos pais ou amigos escolheram. Devemos seguir o que sentimos que é correto e, depois, nos esforçar para avançar a partir deste ponto.

Cada um de nós possui em seu interior a inteligência dada por Deus; valendo-nos dessa inteligência, temos que assumir nossa própria responsabilidade e aprender a tomar as decisões corretas na vida. Quando fazemos isso, e, ao mesmo tempo, meditamos e nos esforçamos para nos manter em sintonia com Deus, cumprimos com o nosso destino individual. O dever dos pais é ajudar aos filhos a se orientarem de acordo com estas diretrizes, enquanto, ao mesmo tempo, lhes dão a liberdade para que cada um deles obedeça a sua natureza.

Meus filhos homens têm catorze e dezesseis anos. Eles querem ter noivas, mas eu provenho da cultura indiana e não aprovo essa conduta. Como você sabe, na Índia, os matrimônios são arranjados² (son arreglados). Sei que este não é o costume dos Estados Unidos e que devo conservar uma atitude equilibrada; mas sinto que eles são ainda muito jovens e que, neste exato momento, suas energias deveriam ser canalizadas para os estudos e os desportos.

Em primeiro lugar, permita-me dizer-lhe que não se pode estabelecer uma regra geral, porque todos

² Os pais escolhem, quando o filho é ainda criança, seu futuro cônjuge. (Nota do tradutor)

nós somos diferentes. Algumas pessoas são mais maduras que outras que têm a mesma idade. Em segundo lugar, concordo que o sistema de noivado no Ocidente é muito permissivo, mas também considero que o costume que vigora na Índia deveria ser modificado. Tenho visto algumas conseqüências trágicas dos matrimônios arranjados na Índia. Os dois sistemas têm suas faltas.

Guruji acreditava decididamente que, durante os primeiros anos, meninos e meninas deveriam estudar em escolas separadas. A atenção dos meninos e das meninas deveria se concentrar no ensino acadêmico e na formação do caráter – desenvolvimento que capacitará a ambos uma vida melhor conforme o amadurecimento –, afastados dos estímulos indevidos próprios do despertar dos sentidos relacionados aos sexos opostos. Lamentavelmente, os padrões morais da sociedade atual estão se deteriorando. Dentro desta atmosfera de permissividade, é um erro manter relações de noivado em uma idade muito jovem. O crescente problema da gravidez de adolescentes constitui uma sólida evidência do que digo.

Em certa ocasião, aconselhei a uma adolescente cujo pai, que foi educado nos ideais de Guruji, era rigoroso com seus filhos. Ele não lhes permitia que iniciassem relações de noivado desde muito jovem, o que muitos de seus amigos já o faziam; por outro lado, os filhos apoiavam esta postura paterna. Mesmo assim, quando lhes foi permitido saírem sozinhos, a pressão das companhias de sua idade fez com que essa mocinha estabelecesse uma relação com a pessoa errada. Aquele foi o momento em que me pediram que acompanhasse o problema. Foram necessárias várias reuniões, onde falei pacientemente com ela e lhe aconselhei que o importante era que ela se convertesse em uma adulta responsável e suficientemente preparada, para que pudesse, então, tomar as decisões adequadas em sua vida. Afortunadamente, ela escutou e hoje é sumamente feliz: ela se casou com um jovem excelente e ambos têm um filho adorável.

Ao vir de uma cultura diferente, você tem que determinar quais costumes, qual país, deseja seguir. Muitos pais indianos que vivem nos Estados Unidos continuam escolhendo o esposo ou a esposa para seus filhos; eu não combato esta postura se esses pais estão estudando cuidadosamente as características dos jovens envolvidos e comprovando suas compatibilidades. Pode ser um bom costume quando são considerados, de maneira adequada, todos os traços psicológicos e interesses, e se são feitas perguntas como: estão indo bem? Continuam sendo um casal harmonioso conforme amadurecem, compartilhando objetivos e ideais combinados? Por outro lado, se você escolhe adotar os costumes do Ocidente, acredito que o melhor – quando considerar que já cresceram o bastante – é permitir que eles convidem seus amigos para visitarem sua casa, ao invés de se encontrarem fora dela; assim você poderá saber as pessoas que freqüentam. É possível que eles nem sempre se comportem como você pensa que deveriam fazê-lo, mas faça certas concessões de acordo com a idade e interesse, na medida em que sinta que são preservados os princípios morais.

Permita-lhes que venham à sua casa numa sexta-feira à tarde, depois da escola, para permanecer um par de horas, escutar música, celebrar pequenas festas ou desfrutar de outro tipo de recreação que lhes agrade. Acredito que é importante que os pais abram seus lares, para que estes sintam que sua casa é um lugar onde suas amizades são bem-vindas.

Você tem o direito e o dever de ser rigoroso no que diz respeito à proibição de consumir álcool e drogas. Se for necessário, procure auxílio e ajuda profissional para assegurar que esta norma seja cumprida. Tenho visto muitas mentes e muitos corpos tragicamente destruídos por essas substâncias. Estou segura de que não é este o caso de seus filhos, mas menciono isso porque é o que acontece em alguns lares.

É aproximadamente aos quinze ou dezesseis anos de idade que os pais responsáveis deste país consideram aceitável, normalmente, que seus filhos iniciem uma aproximação social com o sexo oposto. Aos dezoito anos é uma idade um pouco tarde se nos guiamos pelas diretrizes aceitas no Ocidente. Não digo que isto seja certo ou errado; apenas assinalo que seus filhos se encontram imergidos num ambiente onde a tendência geral é ter amigos íntimos do sexo oposto a uma idade muito jovem. Você se verá em uma posição de grande desvantagem de dar a impressão de ser irracionalmente rigoroso.

Muitos pais nem sequer conhecem os amigos com quem seus filhos se relacionam. E, francamente, eles então pensam: “Meus pais não se preocupam comigo”. Com grande freqüência, os filhos gostam que os pais se preocupem o suficiente para “se impor” e estabelecer normas. Mas você tem que começar isto com uma idade na qual as crianças respeitem essa educação. Não espere até que se tornem adolescentes, porque pode ser que então seja tarde, já que estarão acostumados a se guiarem com uma independência maior que a que você queria.

Minha vizinhança é realmente má. Muitos dos pais que ali vivem parecem não se preocupar com o que seus filhos fazem. É correto permitir que meus filhos brinquem com esses garotos? Deveríamos

permanecer nesse lugar, ou deveríamos nos mudar? A região não era maléfica quando compramos nossa casa.

Se você vive em uma região onde os garotos são rebeldes, eu me inclinaria para a cautela. Gostaria de saber com quais deles meus filhos brincam e o que fazem, mas sem lhes deixar que sintam que não lhe são permitida liberdade alguma.

A influência mais poderosa na vida das crianças vem dos seus companheiros. As crianças são imitadoras e adotam as tendências das pessoas com as quais se relacionam. Se os outros meninos em sua vizinhança não são do tipo que você considera que ajudarão no desenvolvimento dos seus, ou inclusive podem causá-los problemas, nesse caso eu tomaria algumas medidas.

É importante compreender o quanto os meninos são influenciados pelo ambiente em que se encontram. Tenha o cuidado de não discriminar por meio da cor, religião ou nacionalidade, mas de acordo com a qualidade de cada pessoa. Não existe nenhum mal viver em qualquer tipo de vizinhança: a questão fundamental é a qualidade das pessoas que vivem ali. Você não pode passar sua vida se preocupando pelos seus filhos porque você vive em uma região perigosa; será melhor que se mude para um bairro onde não exista esse tipo de problemas, para que você possa conservar a sua paz mental.

Resumindo, concludo com um conselho essencial: a melhor oportunidade de êxito na educação dos filhos está em seus próprios pais fixarem as diretrizes adequadas por meio de seu próprio exemplo. Os filhos necessitam ver se os resultados dessas diretrizes que lhes estão sendo impostas são benéficos. Quando o ensinamento é oferecido através do exemplo, com amor e compreensão, é aumentado o bom carma que já está presente nas crianças, decorrente de suas vidas passadas, e, assim, lhes são oferecidas a oportunidade de um maior crescimento. Alimentar, deste modo, as boas tendências naturais e plantar sementes de novas boas tendências nas jovens vidas que foram entregues ao seu cuidado é o dever que Deus conferiu aos pais. Sem dúvida alguma, uma importante tarefa!